

A capacidade adaptativa da cultura digital e sua relação com a tecnocultura

Carla Dias¹
Roseli Gomes²
Patrícia Coelho³

Resumo: Este estudo é o resultado parcial das pesquisas realizadas pelo Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Educação (GPITE) do Mestrado em Ciências Humanas da Universidade Santo Amaro (UNISA)⁴. O artigo aborda a relação existente na evolução histórica da cultura digital como manifestação humana dinâmica e mutável em permanente construção no desenvolvimento tecnocultural da Era Digital. O objetivo desse artigo é discutir a concepção da cultura digital na perspectiva de sua capacidade adaptativa, bem como as possíveis correlações desta característica peculiar com a produção da tecnocultura. Este estudo é relevante para a compreensão das características e do contexto representado pela cultura digital, na qual acontecem inúmeros processos de significação que repercutem no comportamento humano, em especial em sua comunicação. A metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica que buscou investigar como a cultura digital é capaz de produzir tecnocultura, frente ao vertiginoso desenvolvimento tecnológico das últimas décadas. O desenvolvimento do estudo considerou os conceitos de cultura digital desenvolvidos por teóricos como Lévy (2010), Castells (2000), Lemos (2015, 2013, 2010, 2009), Santaella (2012, 2010), Coelho (2014a, 2014b, 2012), dentre outros. Este estudo corrobora, por conseguinte, com o (re)conhecimento da capacidade adaptativa presente no conceito de cultura digital, característica peculiar que lhe garante flexibilidade e modelagem social nos processos comunicacionais desenvolvidos na Era Digital.

Palavras-chave: Capacidade adaptativa. Cultura digital. Tecnocultura.

Abstract: This article discusses the relationship existing in the historical evolution of digital culture as a dynamic and changeable human manifestation in permanent construction in the technocultural development of the digital age. The objective of this article is to discuss the conception of digital culture in the perspective of its adaptive capacity, as well as the possible correlations of this peculiar characteristic with the production of technoculture. This study is relevant to the understanding of the characteristics and context represented by the digital culture, in which countless processes of signification occur and have repercussions on human behavior, especially in its communication. The methodology adopted is the bibliographical research that

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar de Ciências Humanas da Universidade de Santo Amaro, São Paulo, Brasil. Membro pesquisador do Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Educação (GPITE). E-mail: carla4029@gmail.com.

² Mestre pelo Programa de Pós-Graduação do Mestrado Interdisciplinar de Ciências Humanas da Universidade de Santo Amaro, São Paulo, Brasil. Membro pesquisador do Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Educação (GPITE). E-mail: rosegomescv@gmail.com.

³ Professor Permanente no Programa de Pós-Graduação do Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Contato: patriciafariascoelho@gmail.com.

⁴ Grupo coordenado pela professora doutora Patrícia M. F. Coelho.

sought to investigate how the digital culture is able to produce technoculture, facing the vertiginous technological development of the last decades. The development of the study considered the concepts of digital culture developed by theoreticians such as Lévy (2010), Castells (2000), Lemos (2015, 2013, 2010, 2009), Santaella (2012, 2010), Coelho (2014a, 2014b, 2012), among others. This study confirms, therefore, the (re) knowledge of adaptive capacity present in the concept of digital culture, peculiar feature that guarantees flexibility and social modeling in the communication processes developed in the Digital Age.

Keywords: Adaptive capacity. Digital culture. Technoculture.

Introdução

A trajetória das tecnologias e a sua modelagem representadas pelo fenômeno da cultura digital são resultados de um longo caminho evolutivo da comunicação na história da sociedade contemporânea. O objetivo geral desse artigo é discutir a concepção de cultura digital na perspectiva de sua capacidade adaptativa, bem como as possíveis correlações desta característica peculiar com a produção de tecnocultura. Um estudo, nesta perspectiva, faz-se necessário para ampliar a compreensão do contexto em que se dá a comunicação e a interação social em tempos de valorização tecnológica e virtualização das relações humanas, visto estarem os sujeitos na contemporaneidade imersos na chamada cultura digital. Ressalta-se, ainda, que conhecer as características da cultura digital poderá auxiliar no planejamento de estratégias em todas as áreas relacionadas ao desenvolvimento sociocultural e tecnológico.

A metodologia utilizada neste estudo partiu de uma pesquisa bibliográfica em obras referenciadas de autores expoentes no estudo da temática da cultura digital, tais como Lévy (2010), Castells (2000), Lemos (2015, 2013, 2010, 2009), Santaella (2012, 2010) e seus contemporâneos. Com isso, buscou-se, junto às obras de referência desses autores, responder a seguinte indagação: o que determina a capacidade de modelagem da cultura digital e como se dá a produção tecnocultural nesse contexto?

Para responder a essa indagação, o artigo foi organizado inicialmente pela apresentação dos significados dos termos técnica e tecnologia, os quais fomentam a compreensão do fenômeno da cultura digital. Em um segundo momento, dá-se ênfase aos conceitos de ciberespaço e cibercultura, visto que ambos contêm elementos que podem evidenciar a capacidade adaptativa da cultura digital. Na sequência,

apresentamos o conceito de cultura digital na perspectiva de sua capacidade adaptativa propriamente dita. Na terceira parte deste estudo, são expostas algumas correlações e considerações sobre a cultura digital como manifestação humana dinâmica e mutável na esfera da comunicação, em resposta às transformações socioculturais e ao desenvolvimento na Era Digital.

A participação da evolução tecnológica no desenvolvimento da cultura digital

Para melhor compreensão da temática em discussão, é preciso conhecer, inicialmente, os sentidos dos termos tecnologia e técnica. Correlacioná-los ao desenvolvimento da comunicação enquanto fenômeno sociocultural ao longo do tempo. Bem como é preciso compreender as suas repercussões na conformação do ciberespaço e no desenvolvimento da cibercultura, os quais constituem fenômenos precursores da cultura digital.

O conceito de *tecnologia*, muitas vezes, é utilizado de forma limitada, identificando apenas equipamentos e aparelhos. Saindo dessa compreensão limitante, em sentido mais amplo, ele pode significar, por exemplo, tanto o produto material como o imaterial, intangível. Nessa perspectiva, a tecnologia da informação é um ativo imaterial, porém, com reflexos concretos para a sociedade (HOUAISS, 2016). A depender do escopo de interesse, a tecnologia pode ter seu sentido ampliado ou reduzido. Por isso, é essencial se situar a teoria, o método e/ou o campo do conhecimento que dele faz uso.

Em relação à noção de *técnica*, podemos dizer que ela se refere ao “conjunto de regras aptas a dirigir eficazmente uma atividade qualquer” (ABBAGNANO, 2007, p. 906). A esse vocábulo, agregou-se também o sentido de desenvolvimento de conhecimentos úteis para a sobrevivência, ou seja, a aquisição de habilidades e ferramentas que permitem o domínio do mundo físico. Poderíamos dizer, associando os dois conceitos expostos, que a tecnologia é apresentada como a fase mais madura ou avançada da técnica – eis uma hipótese a ser trabalhada.

Comparando os conceitos de técnica e tecnologia, pode-se inferir que os dois encontram-se na esfera da realidade social, comungando valores e saberes que ultrapassam o seu significado dicionarizado. Isso acontece porque, nas ciências afins ou até no senso comum, elas carregam consigo relações sociais que as representam

enquanto expressão cultural de determinados grupos em sua época, logo elas, quando postas em uso, ganham outras funções dentro e fora do contraponto tecnicista que só observa o modo de se fazer ou a ferramenta que se usa. É nesse sentido que se pode entender o motivo de muitas vezes se dizer de forma jocosa a expressão “falha técnica”, quando muitas vezes a ocorrência de fato, não é um equívoco dos aparatos tecnológicos.

Para avaliar o impacto desses termos e de seu imbricamento no desenvolvimento da cultura digital, é preciso compreender que desde os primórdios o homem transforma a natureza, seja para sobreviver as intempéries do clima e do espaço, seja para, egoisticamente, acumular recursos e conquistar reconhecimento social. Nesse processo, o uso e a apropriação cultural das ferramentas tecnológicas desenvolvidas em cada período da história da humanidade são atos genuinamente humanos. Logo, percebemos que a humanidade e a tecnologia caminham juntas desde a pedra lascada até o microchip.

Na trajetória histórica da evolução tecnológica, as transformações propiciadas pelo aparato técnico resultaram na produção de movimentos culturais essenciais ao processo de socialização. De acordo com Bueno (2014, p. 44), “as transformações tecnológicas vividas pelos sujeitos da sociedade representam não só uma mera introdução de equipamentos na sociedade, mas, principalmente, mudanças sociais, culturais, de trabalho e educacionais”. Essas transformações tecnológicas, ressaltamos, são contínuas e (inter)agem com os mais diversos segmentos de uma sociedade.

Os aparatos tecnológicos disponíveis no cotidiano, ao longo do tempo, foram um dos fatores determinantes para definir o *status quo* de grupos sociais em relação ao acúmulo de conhecimento. Diversos são os fatores que fundamentam esse processo contínuo de construção cultural, que avançou levando consigo a roupagem de valores, crenças e todo o aparato tecnológico de cada momento sócio-histórico. Tais transformações culturais nunca foram tão dinâmicas e céleres como na Era Digital. Diversos autores compreendem que a tecnologia comunicacional é o diferencial que deu uma forma a essa (r)evolução, como explica Barreto (2005) que observou, a partir dos avanços da comunicação, a transmutação de uma sociedade local para uma

sociedade global. No próximo tópico, desdobraremos essa proposta a partir da concepção de ciberespaço e cibercultura.

Ciberespaço e cibercultura: pilares constitutivos da cultura digital

O ciberespaço, segundo Lévy (2010), é viabilizado pela evolução da tecnologia comunicacional. Segundo o estudioso, para se comunicar em rede, de forma célere em qualquer tempo, é derrubada a lógica do espaço, da área física e, então, se passa a abarcar extensões inimagináveis e impossíveis de demarcar. A socialização então rompe com as barreiras físicas de tempo e de espaço, e, à nossa frente, descortina-se um novo espaço de comunicação, advindo do movimento interacional, com possibilidades de desenvolvimento social nas dimensões econômica, política e cultural (LÉVY, 2010).

O espaço físico deixou de ser fator determinante para que se dê a troca de informações. A partir das potencialidades da internet, o primordial é haver informações disponíveis para serem acessadas a partir do acesso à rede mundial de computadores. Daí, a importância do ciberespaço como elemento de comunicação que permite também o armazenamento e a organização de informações de forma livre e de fácil acesso (CUNHA, 2015).

A capacidade de se comunicar de forma sincrônica no ciberespaço alterou o comportamento humano. Isso ocorreu, porque implicou, conforme explica Silva (2014, p. 24), “no desenvolvimento de um novo modo de estar e de agir [...] e perceber um movimento de transição entre o mundo individual e o mundo da coletividade, [...] entre as noções de corpo e de espírito”. Portanto, nesse contexto, foi determinante desenvolver um determinado aparato sociocultural próprio.

Para Castells (2000), o ciberespaço foi essencial para o surgimento da interatividade em rede. Isso decorre porque a comunicação é baseada em ações comunicativas rápidas, de caráter multifacetado. Em um prisma positivo, isso influenciou a forma de ser e de se relacionar na sociedade, bem como na maneira de trabalhar das empresas, que em sua dinâmica exigem, cada vez mais, decisões rápidas e assertivas.

Os estudos de Castells (2000) consideram também o fluxo de informações e a temporalidade das redes como um advento que propiciou o empoderamento dos sujeitos, no que se refere à capacidade de expressão social. O sujeito passou a receber e a acessar mais informações, o que auxiliou na sua capacidade de agir com criticidade a respeito de fenômenos relacionados ao seu cotidiano e a sua comunidade, adquirindo assim mais autonomia tanto na esfera privada, como pública.

É essa confluência de eventos e fenômenos que acontecem em torno da interatividade em rede dentro do ciberespaço que possibilita a construção social da cibercultura. Segundo Lemos (2015), a cibercultura pode ser compreendida como o produto de relações e interconexões que acontecem nesse ambiente virtual, em uma simbiose saudável. Esse entendimento corrobora a compreensão de Lévy (2010) sobre esse mesmo conceito, quando o autor diz: “cibercultura especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 2010, p. 17).

Reconhecendo, também, as diversas e distintas dimensões que envolvem a realidade do ciberespaço enquanto meio sócio interativo, Silva (2014) argumenta que esses eventos que nele acontecem são fenômenos inter-relacionados que podem receber denominação de cultura. Esse entendimento corrobora com o que foi defendido por Lemos e Lévy (2010) quando afirmam que o ciberespaço é promotor de relações socioculturais, pois, para esses autores, a “cibercultura é o conjunto tecnocultural emergente no final do século XX [...] uma forma sociocultural que modifica hábitos sociais, práticas de consumo, ritmos de produção e distribuição da informação, criando novas relações no trabalho e no lazer” (LEMOS; LÉVY, 2010, p. 21). Como se vê, o conceito de cibercultura está diretamente ligado ao conceito de ciberespaço, o que evidencia determinada interdependência entre ambas as noções.

O ciberespaço e a cibercultura passam, então, a representar dimensões de um mesmo fenômeno: as mudanças ocorridas na forma de comunicação na sociedade moderna. Esse fenômeno não se limita apenas à utilização da internet, mas, sim às modificações deflagradas no modo de vida em sociedade, que envolve comunicar-se, educar-se e se relacionar, tanto no âmbito de forma individual, quanto no coletivo. É

certo que a partir do ciberespaço e da cibercultura, a humanidade ultrapassou, em poucos anos, marcos sociais determinantes para viver e conviver no mundo, desenvolvendo uma linguagem: a linguagem digital. Esta pode ser entendida como um conjunto estruturado de signos que se movimentam na e pela via principal da cultura digital.

Ressalta-se que até aspectos linguísticos foram incorporados e transformados, como, por exemplo, o uso de expressões como o uso de “CTRL+V” e “CTRL+C” com o sentido de “copiar e colar”, uma vez que essas são as teclas de atalhos desse comando no computador com Windows. Esse fenômeno de transformação comunicacional afetou e foi afetado pela difusão das novas tecnologias digitais. Esse evento muitos estudiosos caracterizam como fator determinante para o surgimento da Era Digital. Isso ocorre, porque a chegada de novas ferramentas digitais provocaram impactos na identidade cultural de muitas civilizações e nas formas de produção de conhecimento e da informação na sociedade contemporânea (COELHO; COSTA, 2014b).

Cultura digital: conceito em permanente adaptação sociocultural

A cultura digital é um fenômeno contemporâneo e se reflete a partir da intensa interatividade comunicacional. Isso acontece porque com a difusão dos instrumentos tecnológicos, a informação deixou de ser monopólio de determinados grupos sociais e passou a ser distribuída de forma mais horizontal. Isso fomentou a interatividade nas relações sociais. Os conteúdos estão mais disponíveis e acessíveis a partir da internet, seja por meio de computadores, seja por dispositivos móveis como *tablets*, *smartphones*, dentre outros (LEMONS, 2009).

Essa realidade comunicacional apresenta-se como uma remodelagem na forma de viver e conviver em sociedade. Isso acontece porque a junção de fenômenos sociais e ferramentas tecnológicas fez com que se originasse uma nova forma de linguagem, que, como apontamos acima, foi denominada de linguagem digital. Essa linguagem, segundo Kenski (2012), é um dos reflexos do acúmulo de conhecimento tecnológico obtido pelo homem principalmente a partir da Era Moderna, e foi determinante para o advento da cultura digital, como explica a estudiosa:

A linguagem digital, expressa em múltiplas TICs, impõe mudanças radicais nas formas de acesso à informação, à cultura e ao entretenimento. O poder da linguagem digital, baseada no acesso a computadores e todos os seus periféricos, à internet, aos jogos eletrônicos etc., com todas as possibilidades de convergência e sinergia entre as mais variadas aplicações dessas mídias, influencia cada vez mais a constituição de conhecimentos, valores e atitudes. Cria uma nova cultura e outra realidade informacional (KENSKI, 2012, p. 33).

A linguagem digital possui como característica principal a flexibilidade, que se representa em permanente capacidade adaptativa ao contexto tecnológico em seu aspecto comunicacional, ou seja, o conhecimento tecnológico disponível à época se relaciona inevitavelmente aos processos comunicacionais, pois, a informação deve transitar seja entre seres humanos, seja entre estes e as máquinas. Essa capacidade adaptativa é o que torna a cultura digital um fenômeno em constante transformação, impedindo que se possa associar a este conceito a ideia de algo acabado ou estanque. Logo, a cada nova invenção tecnológica, segue-se um comportamento social associado a esse novo aparato, conforme sustentam diversos teóricos, em especial Bueno (2014), Coelho (2012), Santaella (2010) e Di Felici (2009).

Avanzo (2015) também reconhece a capacidade adaptativa da cultura digital, argumentando que se trata de um fenômeno em constante renovação. Por isso, a cultura digital não pode ser definida de forma estanque já que a humanidade na Era Digital, ao comunicar-se, interage e age. Logo, a humanidade está sujeita constantemente aos elementos e as influências da renovação tecnológica da Era Digital, como vemos com mais frequência nos últimos anos.

A capacidade adaptativa e o ritmo do desenvolvimento tecnológico propiciaram as condições para que a Cultura Digital adquirisse esse caráter multifacetado, no que se refere à interação dos indivíduos ao aparato tecnocultural disponível. Essa ocorrência faz com que tenhamos a percepção social de que tudo ainda está por vir, conforme sustenta Reis (2014). Essa percepção social leva-nos a reconhecer que a cultura digital encontra-se em permanente movimento para a produção de saberes. Isso pode ser compreendido, assim, como um movimento de mutação em relação à adaptação tecnocultural, na qual tais saberes e vivências ressignificam-se quando em contato com novos eventos sociotecnológicos.

Com isso, podemos correlacionar a capacidade adaptativa da cultura digital à produção tecnocultural. Fazemos essa imbricação porque cada nova experiência sociotecnológica amplia o acervo individual e coletivo da linguagem digital, desencadeando outros fenômenos tecnoculturais que, em rede, reconfiguram-se de forma permanente. Esse encadeamento propicia a constante remodelagem da cultura digital.

Assim, é possível inferir que o desenvolvimento sociocultural e comunicacional na Era Digital está condicionado à capacidade adaptativa da cultura digital, mesmo frente à diversidade de elementos tecnoculturais que ela mesmo produz. Essa dedução nos leva a refletir que a cultura digital, por sua característica adaptativa, é um fenômeno social em ebulição permanente – tese constantemente sustentada por diversos teóricos da comunicação e da tecnologia, como já ressaltamos. É a comunicação e seu trânsito de informações que contribui para criar e sustentar essa capacidade adaptativa da cultura digital. Sem isso, questionamos como os processos tecnológicos chegariam a essa efervescência multicultural – da comunicação para a tecnologia e desta para aquela, eis a via de mão dupla que mantém viva a cultura digital em nossos dias.

Considerações finais

A capacidade de difusão da informação na atualidade pode ser explicada pelo perfil tecnológico dos sujeitos nascidos na cultura digital, os chamados nativos digitais (COELHO, 2012), os quais são assim chamados por serem inseridos desde de tenra idade nessa cultura digital. A capacidade permanente de ser e estar em estado de conexão digital, configura-se como o *modus operandi* social que melhor representa a Era Digital (PRENSKY, 2001). Esse comportamento digital surge da relação quase simbiótica entre nativos digitais e as ferramentas tecnológicas disponíveis, nomeado por Lemos (2013) de “sinergia tecnossocial”. Isso não acontece por acaso, mas está relacionado à capacidade adaptativa e à mutabilidade presente da cultura digital como fenômeno que produz tecnocultura como resultado da sinergia tecnossocial.

A sinergia tecnossocial é o fenômeno que, na cultura digital, transforma a interação social ubíqua em tecnocultura (SANTAELLA, 2010). Essa produção

sociocultural na cultura digital é o que sensibiliza, de forma direta, os nativos digitais, fazendo com que estes nesse processo sejam ao mesmo tempo produto e produtores de tecnocultura (SANTAELLA, 2012). Isso acontece também porque o desenvolvimento tecnológico, na Era Digital, se constrói no cotidiano de cada evento interativo, sendo a capacidade de estar em rede o elemento determinante para que esse modo de pensar e agir se transmute em comportamento digital (CUNHA, 2015).

Sobre esta simbiose simbólica, denominada então de sinergia tecnossocial, Castells (2000) argumenta que esta gera de fato um sentimento de onipresença, em que o sujeito tem a percepção de estar em todos os lugares ao mesmo tempo. Essa *onipresença virtual* também é capaz de criar uma sensação de pertença em nível global, que, associada à capacidade de adaptação da cultura digital, impulsiona os sujeitos a conhecer mais e mais sobre a rede e, também, sobre os meios de permanecer conectado a ela. Todos esses fenômenos, em conjunto, criam a produção contínua da tecnocultura (LEMOS, 2009).

O entendimento da cultura digital como um fenômeno dinâmico que produz e reproduz tecnocultura como resposta a um processo de interação coletiva demonstra que existe “um espaço aberto a vivências e novas formas de relação social, um espaço planetário. [...] Onde as dimensões de criação, produção e difusão de ideias são potencializadas pelo modo como as diferentes culturas se manifestam e operam em rede” (PRETTO; ASSIS, 2008, p. 79). Portanto, surge um espaço que garante a retroalimentação de seu sistema de produção. Daí, a dificuldade de vir a se vincular ao conceito de cultura digital qualquer característica que possa engessá-lo em relação à produção de tecnocultura. Esse não engessamento das estruturas se deve, como propomos aqui, à capacidade adaptativa e à flexibilidade inerente dos processos comunicacionais, instaurados pela e na linguagem digital.

Essa nova forma de ser e estar no mundo, própria da cultura digital, implica reconhecer a força da socialização mediada pela tecnologia. Com esse entendimento, toda interação na cibercultura deve ser analisada como um potencial elemento para produzir tecnocultura. E, assim, ele é responsável por produzir elementos que possam realimentar todo o sistema de relacionamento global em todas as áreas que envolvem a produção de conhecimento humano (CASTELLS, 2000; LEMOS, 2009).

Por isso, não devemos instituir a cultura digital como um conceito pronto. Quando se pensa a cultura digital, é preciso reconhecer que “a imponderabilidade é uma das características mais marcantes” (SANTAELLA, 2012, p. 42). Santaella (ibid.) também compreende que, “seja qual for o imponderável, uma conclusão parece estar bem próxima da certeza: as tecnologias da inteligência vieram para ficar, crescer e se multiplicar, pois a inteligência, como a vida, não pode parar de crescer”.

A capacidade adaptativa da cultura digital é a principal característica desta permanente produção de elementos tecnossociais que alimentam e retroalimentam a produção coletiva de tecnocultura na Era Digital. Afirma-se isso, porque sem ela, o fenômeno da globalização socioeconômica e o desenvolvimento do comunicacional digital na esfera planetária estariam comprometidos de forma negativa. Isso, em médio e longo prazo, retardaria a trajetória evolutiva do desenvolvimento técnico da humanidade, conforme sustentam Lemos (2015) e Santaella (2012).

Como exemplo mais específico de influência positiva relativa à capacidade de modelagem permanente presente na cultura digital, podemos citar as modificações trazidas pelo uso da internet na área da educação. Com a expansão da internet, a educação assimilou novos comportamentos digitais que, no universo acadêmico, criaram ou transformaram algumas estratégias relacionadas ao ensinar e à aprendizagem (CASTELLS, 2000, MORAN, 2000). Atualmente é possível utilizar na educação vídeo-aulas, fóruns de discussão, espaços virtuais de tira-dúvidas, por meio de plataformas online, todos esses elementos educativos tecnológicos inseridos na modalidade intitulada educação a distância (COELHO e COSTA, 2014a; LEMOS, 2010; MORAN, 2000).

Vários exemplos também de influência positiva da cultura digital podem ser observados no ensino presencial. Por exemplo, tem-se o uso de mídias dentro da sala de aula em apoio à pesquisa como os e-books, as lousas digitais e outros instrumentos de apoio pedagógico. Esses aparatos modificaram e modificam as relações e as interações dos sujeitos no processo educativo, produzindo de forma ativa novas didáticas para os processos de ensino e aprendizagem (BRITO; PURIFICAÇÃO, 2015; COELHO, 2012).

Considerando, o exemplo da produção de tecnocultura na área educacional, e fazendo analogia com as demais áreas do conhecimento, é possível inferir que a compreensão do contexto e o conhecimento das características que compõem a cultura digital são tarefas imprescindíveis para os estudos contemporâneos. Por isso, apreender o valor de sua capacidade adaptativa como característica que lhe permite desenvolver elementos tecnossociais é um avanço dentro da literatura sobre o tema. Com o levantamento bibliográfico feito, pode-se verificar que a capacidade adaptativa é parte inerente do processo comunicacional e, como este faz parte de forma imprescindível da cultura digital, a adaptação é característica de todo o processo.

Enviado: 23 setembro 2017

Aprovado: 17 outubro 2017

Referências

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. Tradução de Alfredo Bosi; revisão da tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- AVANZO, H. *A arquitetura de instituições federais de ensino superior no contexto da cultura digital*. 2015. 200 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador-BA, 2015.
- BARRETO, A M. Informação e conhecimento na Era Digital. In: *TransInformação*, Campinas, v.17, n. 2, p.111-122, Agost.2005.
- BRITO, G. da S.; PURIFICAÇÃO, I. da. *Educação e novas tecnologias: um (re) pensar*. 2. ed. Curitiba: Ed. Inter Saberes, 2015.
- BUENO, M. de O. B. *Cultura digital e redes sociais: incerteza e ousadia na formação de professores*. 2014. 110 f. Tese (doutorado em educação) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande-MS, 2014.
- CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. Tradução de Roneide V. Majer. 8. ed. v.1. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- COELHO, P. M. F.; COSTA, M. R. M. O advergame político “Andry Hadd”: discutindo a carnavalização bakhtiniana e a narratividade subjacente. In: *Revista Hipertexto*, v.4, n. 3, dez. 2014a. Disponível em: <<http://www.latec.ufrj.br/revistas/index.php?journal=hipertexto&page=article&op=view&path%5B%5D=655&path%5B%5D=672>>. Acesso em: 17 nov. 2017.
- _____. Vídeo na Aldeia: um estudo interdisciplinar sobre cultura, etnia, ensino e aprendizagem no contexto indígena na América Latina. *Revista Educaonline*. Rio de Janeiro, v. 8, p. 22-37, 2014b. Disponível em: <<http://www.latec.ufrj.br/revistas/index.php?journal=educaonline&page=article&op=view&path%5B%5D=628>>.
- COELHO, P. M. F. Os nativos digitais e as novas competências tecnológicas. *Texto Livre: Linguagem e Tecnologia*, Belo Horizonte, v. 5, n. 2, p. 88-95, dez. 2012. Disponível em: <<http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/textolivres/article/view/2049>>. Acesso em: 17 nov. 2017.
- CUNHA, N. C. *Reorganização do trabalho docente pelas tecnologias digitais: possibilidades e limites em uma instituição de Ensino Superior privado*. 2015. 123f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Uberaba, Programa de Mestrado em Educação. Uberaba-MG, 2015.
- DI FELICE, Massimo. A colaboração tecnologicamente guiada. *Revista de Comunicação e Cultura*, São Paulo, v. 1, n. 4, p. 29–31, 2009.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2016.

KENSKI, V. M. *Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação*. 8.ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

LEMOS, A. Entrevista: O que é a cultura digital, ou cibercultura. In: SAVAZONI, Rodrigo; COHN, Sergio (Orgs). *Cultura digital.br*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009. p. 135-147.

_____. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. 6.ed. Porto Alegre, Sulina, 2013.

_____. *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. 7. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

LEMOS A.; LÉVY, P. *O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária*. São Paulo: Ed. Paulus, 2010.

LÉVY, P. *Cibercultura*. 3. ed. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed.34, 2010.

MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas: Papirus. 2000.

PRENSKY, M. Digital native, digital immigrants. Digital Native immigrants. *On the horizon*, MCB University Press, Vol. 9, N. 5, October, 2001. Disponível em: <[http://www.marcprensky.com/writing/Prensky_Digital_Natives,_Digital_Immigrants - Part1.pdf](http://www.marcprensky.com/writing/Prensky_Digital_Natives,_Digital_Immigrants_-_Part1.pdf)>. Acesso em: 17 nov. 2017.

PRETTO, N.de L.; ASSIS, A. Cultura digital e educação: redes já! In: PRETTO, N.de L. ; SILVEIRA, A.da A. (Orgs.). *Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder*. 1ª ed.Salvador/Bahia: Edufba, 2008, p. 75-84.

REIS, M. A. dos. *A inserção dos alunos de pedagogia na cultura digital em Pernambuco*. 2014. 99 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Matemática e Tecnologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife-PE, 2014.

SANTAELLA, L. *A ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade, ubiquidade*. São Paulo: Paulus, 2010.

_____. A tecnocultura atual e suas tendências futuras. *Signo pensam*, Bogotá, v. 31, n. 60, p. 30-43, June 2012. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-48232012000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 nov. 2017.

SILVA, E. F. O. *Formação docente: autobiografia e práxis do professor em ambiente virtual*. 2014. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, Salvador-BA, 2014.